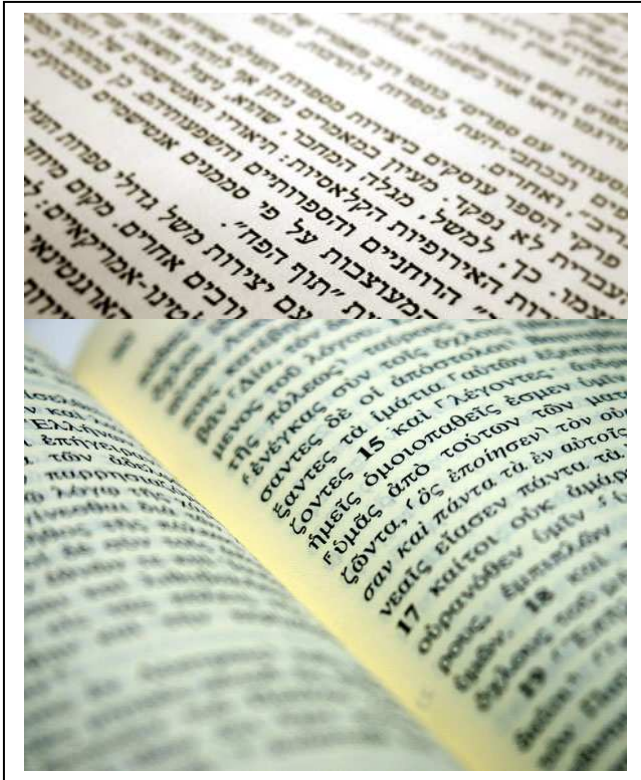




1. PROLEGÔMENOS



“Desse modo leram no livro, na Lei de Deus, esclarecendo o que liam e explicando o seu sentido para que o povo entendesse a leitura.” (Neemias 8.8)

Todos nós precisamos aprender a interpretar as Sagradas Escrituras, assim como precisamos saber interpretar qualquer outro texto. Devemos nos sentir livres diante do texto para que ele nos conduza e nos forneça as informações que almeja transmitir. Para tanto, necessitamos conhecer os elementos que fazem parte da constituição de um texto, ou seja, precisamos decifrar o “subconsciente do texto”, isto é, descobrir o que o texto mantém nas entrelinhas e quais são as suas intenções. Mas para chegarmos lá é preciso esquadriñar o texto, perguntando-se pelo

autor, pelo destinatário original, a intenção do autor, o conteúdo da obra, quem é o destinatário atual, quem lê o texto hoje, como decifrar as partes “obscuras” do texto, e qual a intenção do leitor atual ao lê-lo. São questões que devem ser respondidas se quisermos fazer uma análise séria de um texto bíblico.

Pregar e ensinar bem a Palavra de Deus traz consigo a necessidade de interpretar de forma correta as santas escrituras. Mas, o que significa “interpretar o texto sagrado”? Podemos definir “interpretação bíblica” como sendo *“o ato de entender corretamente o texto sagrado, ou seja, saber o que de fato o escritor, inspirado pelo Espírito Santo, desejava transmitir para os seus leitores ou ouvintes originais e como o texto se aplica aos nossos dias”*.

A correta interpretação bíblica é um fator fundamental para que as nossas palavras tenham crédito diante daqueles que nos ouvem. Nos dias atuais estão faltando, principalmente nos púlpitos das

igrejas, pessoas que preguem a Palavra de Deus com ousadia e poder de persuasão (convencimento) como fazia e ensinava o apóstolo Paulo:

*“Ele discutia todos os sábados na sinagoga, e **persuadia a judeus e gregos.**”* (Atos 18.4)

*“Paulo, entrando na sinagoga, **falou ousadamente** por espaço de três meses, **discutindo e persuadindo** acerca do reino de Deus.”* (Atos 19.8)

*“Portanto, conhecendo o temor do Senhor, **procuramos persuadir os homens;**...”* (2Coríntios 5.11)

* **Observação:** a palavra “persuadir”, utilizada nos textos acima, vem do grego πείθω (peíthō = “prevaler sobre” ou “ganhar sobre”). Significa, literalmente, “ocasionar mudança de mente pela influência da razão ou considerações morais”.

Infelizmente muitos dos nossos sermões não têm trazido convencimento às pessoas a quem ministramos. A nossa mensagem deve produzir o mesmo efeito que a primeira pregação do apóstolo Pedro onde, após o término do seu sermão, não indagou os seus ouvintes dizendo: “*e agora, o que farão?*”. Muito pelo contrário: as próprias pessoas que ouviram o sermão e foram persuadidas (convencidas) por ele, sentiram que era necessária uma tomada de atitude:

*“E, ouvindo eles isto, **compungiram-se em seu coração**, e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: **Que faremos, irmãos?** Pedro então lhes respondeu: **Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão de vossos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo.**”* (Atos 2.37-38)

Sendo assim, todo pregador do evangelho deve, por obrigação, dominar as técnicas básicas da interpretação bíblica, sob pena de trair o real sentido do texto sagrado a ser explanado e de ser um disseminador de heresias. Portanto, o objetivo do nosso estudo é abordar sinteticamente os mais diversos problemas que surgem ao se defrontar com um texto bíblico e querer compreendê-lo no seu significado mais profundo. A exegese e a hermenêutica são ferramentas que nos ajudam a percorrer os mais diversos caminhos que levam à correta compreensão do texto bíblico que vai desde uma leitura judaica da Escritura até a nossa moderna leitura sócio-antropológica em um mundo pós-moderno.

2. OS PROBLEMAS DA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

*“... Eis que um etíope, (...) tinha ido a Jerusalém para adorar, regressava e, sentado no seu carro, lia o profeta Isaías. (...) E correndo Filipe, ouviu que lia o profeta Isaías, e disse: **Entendes, porventura, o que estás lendo?** Ele respondeu: **Pois como poderei entender, se alguém não me ensinar?**...”* (Atos 8.27-31)

*“... O nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada; como faz também em todas as suas epístolas, (...), nas quais **há pontos difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes torcem, como o fazem também com as outras Escrituras, para sua própria perdição.**”* (2Pedro 3.15-16)

No texto acima o verbo “torcer”, do grego στρεβλόω (streblōō = torturar), aplica-se à falsificação da Palavra (2Coríntios 4.1-2). Há três maneiras de torcer a Palavra de Deus:

- a) **omitindo** parte dela e ignorando que a toda Bíblia é a Palavra de Deus e, por isso, sua mensagem deve ser aceita integralmente;
- b) **acrescentando** idéias pessoais às verdades sagradas, alterando o conteúdo da mensagem original;
- c) **forçando** um texto a dizer algo que não condiz com o seu contexto e nem com os pensamentos do autor.

Interpretar a Bíblia não é uma tarefa simples. Por exemplo, como saber se uma passagem foi escrita apenas para o público alvo original ou também se destina às gerações posteriores? Em que situações uma passagem bíblica pode ter mais de um significado? Nesse caso como descobri-lo? Visto que existem interpretações diferentes das profecias bíblicas, como vamos saber qual provavelmente é a mais correta? Essas e outras questões da mesma natureza (como os dois exemplos abaixo) precisam ser respondidas.

“Pois não permito que a mulher ensine, nem tenha domínio sobre o homem, mas que esteja em silêncio.”
(1Timóteo 2.12)



Como podemos aplicar os princípios do texto acima em uma sociedade onde o número de mulheres com nível superior concluído ultrapassa o de homens? Segundo pesquisa realizada em 2000, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 3,1 milhões de mulheres e 2,6 milhões de homens têm nível superior. Essa diferença ultrapassa o número de 500 mil pessoas. No ensino médio, em 2003, o índice de matrículas foi de 54% para as mulheres e de 46% para os homens.

“Mas, se não podem conter-se, casem-se. Porque é melhor casar do que abrasar-se.” (1Coríntios 7.9)



Como podemos aplicar os princípios do texto acima em uma sociedade onde, segundo recentes pesquisas, 100% dos jovens solteiros não cristãos e 70% dos jovens solteiros cristãos (que sabem que fornicção é pecado) têm vida sexual ativa? Com frases do tipo “sexo somente após o casamento” está sendo formada uma geração de divorciados. Somente na cidade de São Paulo, de cada 10 casais que se casam em cartório, 7 deles se divorciam até o quinto ano da relação. Nos tempos bíblicos, as moças se casavam por volta dos seus 13 anos e os rapazes por volta dos 17 anos – momento em que o período da puberdade de ambos começa a atingir o seu ápice. Hoje, as mulheres normalmente se casam entre os seus 25 e 30 anos de idade; os homens entre os seus 30 e 35 anos de idade, ou seja, com o dobro da idade (e da experiência de vida) dos personagens dos tempos bíblicos. Ainda assim, é requerido deles o mesmo comportamento que havia há mais de 2.000 anos atrás.

Um dos maiores motivos porque a Bíblia é um livro difícil de entender é o fato de ser antigo. Os cinco primeiros livros do Antigo Testamento (Pentateuco) foram escritos por Moisés em 1.400 a.C. com uma mentalidade oriental. Já o último livro da Bíblia (Apocalipse) foi escrito pelo apóstolo João por volta de 90 d.C. com uma mentalidade greco-romana.

A Bíblia foi escrita em línguas que hoje, ou são inexistentes, como o aramaico da Palestina, ou totalmente modificadas, como o hebraico e o grego koiné, fato este que dificulta enormemente uma tradução, pois muitas vezes não se encontram palavras adequadas. Tais fatos nos revelam a necessidade de transpormos alguns “abismos”, como:

- a) **O abismo temporal.** Os fatos bíblicos ocorreram em uma época distante da nossa (cf. Isaías 1.1; Jeremias 1.1-2; Mateus 2.1; Lucas 1.5).
- b) **O abismo geográfico.** Não podemos subestimar a influência exercida pelo clima e pelo terreno sobre a atitude de um povo e sobre o modo de vida do mesmo, incluindo sua religião. Os conflitos religiosos do Antigo Testamento estão entrelaçados com as condições da geografia da Palestina. E muitos locais onde ocorreram os fatos bíblicos são estranhos para a maioria de nós, exemplos: passar por Samaria (João 4.4), descer de Jerusalém para Jericó (Lucas 10.30) etc. Além disso, muitas unidades de medidas são peculiares, exemplos: distância de um tiro de arco (Gênesis 21.16), distância de dois mil côvados (Josué 3.4), distância da jornada de um sábado (Atos 1.12).
- c) **O abismo cultural.** Muitas expressões e comportamentos narrados nas Escrituras são tipicamente judaicos, exemplos: marcos antigos (Provérbios 22.28), porção dobrada (2Reis 2.9; cf. Deuteronômio 21.17), limpar a eira (Mateus 3.12); regar os pés (Lucas 7.36-38) etc.
- d) **O abismo lingüístico.** A Bíblia foi escrita originalmente na língua **hebraica, aramaica e grega.** Os manuscritos originais jamais foram encontrados. O que dispomos são de cópias destes originais. Além disso, as expressões idiomáticas e construções dos idiomas bíblicos diferem às vezes em grande escala daquelas com as quais estamos familiarizados na atualidade, e certa familiaridade com essas coisas é necessária para a correta interpretação dos textos bíblicos (cf. Isaías 6.3 – *exemplo de um “superlativo absoluto”, ou seja, “santíssimo”*).
- e) **O abismo textual ou literário.** Um texto diz respeito a um conjunto de elementos ligados entre si (palavras, frases, etc). **Com a leitura de um texto começa automaticamente a compreensão. O leitor atribui às palavras o sentido por ele conhecido (subjetivo).** Todavia, a primeira leitura não garante que a compreensão seja exata, havendo o risco de incompreensão total, parcial e equívocos, isto devido a algumas limitações por parte do leitor. Por exemplo: um leitor nascido e criado em zona rural poderá compreender uma parábola proferida por Jesus de forma completamente diferente de outro leitor nascido e criado em zona urbana (cf. Apocalipse 5.1-14 – *exemplo de texto usado como base para sustentar uma coreografia religiosa*).

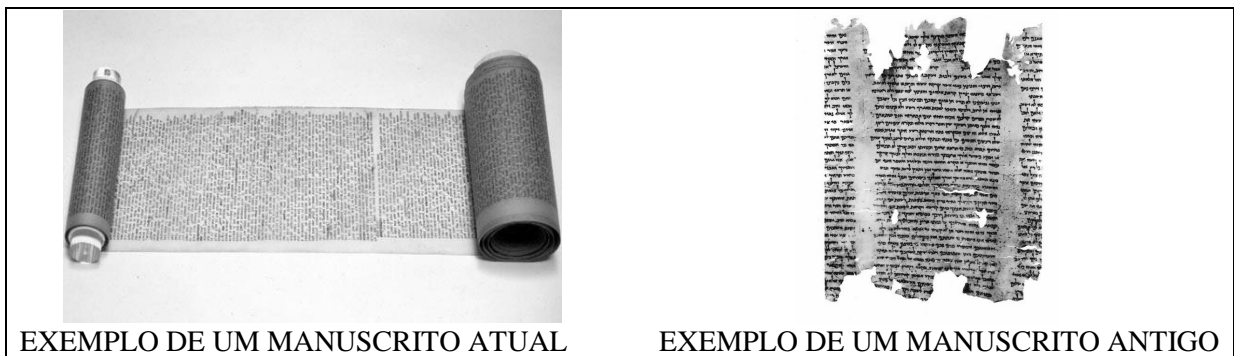
- f) **O abismo causado pelas versões e traduções bíblicas.** Na tradução temos o ato de transpor uma composição literária de uma língua para outra. Durante esse processo o sentido original do texto corre o risco de ser alterado ou até mesmo perdido – isso por causa da necessidade de se fazer ajustes literários. Por isso se faz necessário a **revisão** do texto, isto é, o ato ou efeito de rever através de um novo exame o texto que foi traduzido, com o objetivo de corrigir erros de tradução ou introduzir emendas ou substituições, visando à integridade e contextualização do mesmo (cf. Apocalipse 20.13-15 – *exemplo de divergência ao se traduzir “inferno” e “lago de fogo”*).
- g) **A situação humana.** Ainda mais importante que as questões de tempo, lugar e idioma, são as questões que dizem respeito à vida diária do povo que encontramos na Bíblia, **seus amores e seus ódios, suas esperanças e temores, suas relações sociais**, e assim por diante. Ler a Bíblia sem dar atenção a esse ambiente de vida é ler num vácuo e imaginar coisas que nunca foram projetadas na mente dos escritores bíblicos (cf. Eclesiastes 1.1-4; 2.1 – *exemplo da influência do estado emocional do autor em suas palavras*).

A transposição de tais abismos dará ao intérprete e pregador da Palavra uma maior segurança no falar, adquirindo dos seus ouvintes uma maior confiança, despertando-os também para um crescente desejo de conhecer mais e melhor a Bíblia. Todo esse processo deverá resultar na transformação, santificação, e consagração de vidas para o serviço cristão.

3. A INERRÂNCIA DA BÍBLIA

Hoje, em nossos dias atuais, nós não possuímos os chamados “textos autógrafos”, isto é, textos originais escritos por um profeta, apóstolo ou evangelista inspirado pelo Espírito Santo. Hoje não temos mais os autógrafos, somente cópias. Porém, os milhares de cópias espalhadas pelos cristãos do mundo e preservadas de geração em geração garantem a sua fidelidade, pois Deus prometeu que sua Palavra não seria destruída (Salmo 119.89; Isaias 40.8; Mateus 5.18; Mateus 24.35).

Por inerrância entendemos que a Bíblia não erra. Sendo que tal livro foi inspirado por Deus e sabendo de antemão que Deus não erra, por conseguinte a Bíblia não contém erros. **Erro neste contexto denota algo que não corresponde à realidade.** Sem essa verdade outra importante doutrina decorrente dessa cairia por terra, isto é, a doutrina da infalibilidade.



É importante frisar, entretanto, que por inerrância não queremos dizer que não haja **dificuldades** na Bíblia. A inspiração se restringe aos originais e não às cópias (que podem conter alguns **erros de transmissão**). O teólogo Gleason Archer nos dá uma lista de alguns destes erros de transmissão:

- a) Haplografia. Consiste em escrever uma vez o que deveria ter escrito duas vezes (cf. Isaías 26.3-4);
- b) Ditografia. Consiste em escrever duas vezes o que se deveria escrever uma única vez (cf. Isaías 40.12);
- c) Metátese. Consiste em mudar a ordem das palavras ou letras (exemplos: **alegria/alergia**, **calçada/calçado**, **grande homem/homem grande**);
- d) Fusão. Consiste no erro de fundir duas palavras numa só, dando sentido diferente ao contexto (exemplo: “esse **pessoal mente** muito” / “esse **pessoalmente** muito”);
- e) Fissão. Consiste no erro de dividir uma palavra em duas, dando sentido diferente ao contexto (exemplo: **amador/ama a dor**);
- f) Homofonia. Consiste em usar palavras com sentidos diferentes mas que tenham o mesmo som (exemplo: pena – plumagem de uma ave, sentimento de dó, objeto de escrita etc.);
- g) Leitura errônea de caracteres parecidos, exemplos: ד (dáleth = d), ר (rêsh = r), ה (hê = h), ח (hêth = rr), ת (táw = t), ב (bêth = b), ו (bêth = v);
- h) Omissão accidental de palavras.

Para resolver estas dificuldades textuais os críticos elaboraram algumas regras que servem para nortear o exame da Bíblia a fim de que se obtenha uma correta compreensão exegética. Eis algumas delas:

- 1) Em geral prefere o texto mais antigo ao mais recente;
- 2) O texto mais difícil é preferível ao mais fácil;
- 3) Deve-se preferir o texto mais curto ao mais longo;
- 4) O texto que tiver uma aceitação mais ampla ao que for mais restrito a certa região;
- 5) O texto que não reflete nenhum desvio doutrinário por parte do copista deve ser preferido ao texto que deixa claro estar contaminado por espírito partidário.

Contudo é bom saber que muitas dificuldades partem não de algum erro textual, mas de erros de interpretação do próprio crítico. Diante de qualquer aparente contradição nas Escrituras, não nos é permitido dizer que Deus tenha errado; mas ou o manuscrito utilizado tenha falhas, ou a tradução está errada, ou nós não entendemos o que está escrito. Os erros não se acham na revelação de Deus, mas nas falhas interpretações dos homens. E essas falhas enquadram-se numa das seguintes principais categorias:

- 1) Assumir que o que não foi explicado seja inexplicável;
- 2) Presumir que a Bíblia é culpada, até que provem o contrário;
- 3) Confundir as nossas falíveis interpretações com a infalível revelação de Deus;

- 4) Falhar na compreensão do contexto da passagem;
- 5) Deixar de interpretar passagens difíceis à luz das que são claras;
- 6) Basear um ensino numa passagem obscura;
- 7) Esquecer-se de que a Bíblia é um livro humano, com características humanas;
- 8) Assumir que um relato parcial seja um relato falso;
- 9) Exigir que as citações do Antigo Testamento feitas no Novo Testamento sejam sempre exatas;
- 10) Assumir que diferentes narrações sejam falsas;
- 11) Presumir que a Bíblia aprova tudo o que ela registra;
- 12) Esquecer-se que a Bíblia faz uso de uma linguagem comum, não técnica;
- 13) Considerar que números arredondados sejam errados;
- 14) Não observar que a Bíblia faz uso de diferentes recursos literários;
- 15) Esquecer-se de que somente o texto original é isento de erros, e não qualquer cópia das Escrituras;
- 16) Confundir afirmações gerais com afirmações universais;
- 17) Esquecer-se de que uma revelação posterior sobrepõe-se a uma anterior.

Sendo assim, podemos concluir afirmando que a Bíblia foi escrita por autores sobrenaturalmente inspirados por Deus a ponto de ser **verdadeira em tudo o que afirma**, e isto não somente em matérias de fé e história da salvação. Ela é livre de erros, fraude e enganos. A Escritura não pode errar por ser em sua inteireza a revelação do Deus verdadeiro. Ela permanece a inerrante Palavra de Deus independentemente da resposta humana.

Ao dizer que a Bíblia é inerrante, não estamos negando que **erros de copistas** se introduziram no longo processo de transmissão da mesma. A inerrância é um atributo somente dos escritores originais, ou seja, do texto originalmente produzido pelos autores inspirados por Deus. Muito embora hoje não tenhamos mais os textos originais, pela providência divina podemos recuperar seu conteúdo, preservado nas cópias, quase que totalmente, através da ajuda de ferramentas como a baixa crítica ou a manuscritologia bíblica.

4. CAUSAS DOS ERROS NA TRANSMISSÃO DO TEXTO BÍBLICO

Antes da invenção da imprensa, no século XV, a transmissão de qualquer escrito, apenas poderia ser feita copiando, pacientemente, à mão, palavra por palavra: podemos imaginar quantas probabilidades de erro tal método comporta. Nos manuscritos tiravam-se cópias e apesar do estrito cuidado, algumas

divergências logo apareciam. Na maioria das vezes essas divergências ocorriam de forma involuntária; mas em alguns casos as alterações no texto eram feitas de forma intencional.

4.1. Erros involuntários.

a) **Erros provenientes de uma visão deficiente.** O escriba, atingido por astigmatismo, achava difícil distinguir as letras gregas que se pareciam, especialmente se o copista anterior não escreveu com cuidado. Assim num manuscrito uncial (todas as letras transcritas em maiúsculo), era muito fácil o copista confundir **Sigma** (Σ) com o **Épsilon** (E); o **Théta** (Θ) com o **Ómicron** (O). E se dois **Lâmbdas** fossem escritos muito juntos ($\Lambda\Lambda$) poderiam ser confundidos pela letra **Mi** (M).

Uma deficiência visual também possibilitava a ocorrência erros proveniente de igual terminação. Pelo fato de duas linhas seguidas terminarem com a mesma palavra ou sílabas, os olhos do copista podiam pular da primeira para a segunda, omitindo acidentalmente várias palavras (haplografia). Algumas vezes, os olhos do escriba, apanhavam a mesma palavra ou grupo de palavras uma segunda vez e como resultado copiava duas vezes, o que deveria ter feito apenas uma (ditografia).

b) **Erros provenientes de uma audição deficiente.** Era comum ditarem ao copista e ele escrever outra palavra parecida, como as nossas **imersão** e **emersão**, **despercebido** e **desapercebido**, **comprimento** e **cumprimento**. Outro problema com o ditado encontrava-se nas homônimas não homógrafas, como ilustram as palavras portuguesas: sinto e cinto, incipiente e insipiente, cocho e coxo.

c) **Erros de memória.** Estes erros surgiram porque a memória falhava enquanto o copista olhava para o manuscrito e procurava escrever o que lá se encontrava. Este tipo de erro explica a origem de um grande número de mudanças, especialmente nos evangelhos sinóticos, envolvendo a substituição de sinônimos, variação na ordem das palavras, troca de palavras por influência de outra passagem paralela, talvez conhecida do escriba.

d) **Erros de julgamento.** Encontramos alguns erros que apenas podem ser explicados por culpa de copistas pouco inteligentes ou descuidados. Palavras ou notas explicativas, encontradas na margem, eram muitas vezes, incorporadas ao texto do Novo Testamento. O copista ao encontrar na margem, notas explicativas como sinônimos de palavras difíceis, correções, comentários pessoais, ficava perplexo sem saber o que fazer com elas. Alguns resolveram o problema da seguinte maneira – colocaram a nota no texto que estavam copiando. Por isso, é provável, que um comentário marginal explicando o movimento da água no poço de Betesda (João 5.7) foi incorporada ao texto de João 5.4.

4.2. Erros intencionais.

Por estranho que pareça, os escribas que pensavam, eram mais perigosos do que aqueles que se limitavam a copiar o que tinham diante de si. Muitas das alterações, que podem ser classificadas como intencionais foram, sem dúvida, introduzidas de boa fé por copistas que criam estar corrigindo erros ou infelicidades de linguagem, que se haviam introduzido no texto sagrado e precisavam ser corrigidos.

A despeito da vigilância de eclesiásticos zelosos, alguns escribas, chocados com erros reais ou imaginários, de ortografia, gramática e fatos históricos, deliberadamente, introduziram mudanças no que estavam copiando. Os motivos de tais mudanças eram:

- a) **Correções na ortografia, gramática e estilo.** Alguns livros apresentavam muitas tentações aos escribas zelosos pela correção gramatical. O escriba culto era tentado a melhorar a linguagem.
- b) **Correções harmonizadoras.** Intencionalmente ou não, procurando harmonizar passagens paralelas ou relatos idênticos, os copistas alteravam algumas passagens bíblicas.
- c) **Acréscimos de complementos naturais e semelhantes.** A obra dos copistas na amplificação e arremate das frases é evidente em muitas passagens. Vários escribas, supondo que algo estava faltando na declaração de Mateus 9.13 *“Pois não vim chamar os justos, mas os pecadores”*, acrescentavam *“ao arrependimento”*. Outros copistas achavam difícil deixar a palavra escriba, sem acrescentar fariseu, como aconteceu em Mateus 27.41.
- d) **Esclarecimentos de dificuldades históricas e geográficas.**
- e) **Duplicidade de textos.** Um escriba quando descobria que a mesma passagem fora registrada de forma diferente em dois ou mais manuscritos que tinha diante de si? Em vez de fazer uma escolha entre as duas variantes (com a probabilidade de omitir a genuína) muitos incorporaram as duas na mesma cópia que estavam transcrevendo. Isto produziu a chamada duplicidade de textos ou de leituras.
- f) **Acréscimos de pormenores.** Acréscimos feitos na margem ou em notas no rodapé, uma vez ou outra eram introduzidos para o texto. Sempre houve e ainda há grande curiosidade em saber o nome de alguns personagens que aparecem anonimamente no texto bíblico. Como a tradição dava nomes a estas pessoas, copistas eram tentados a colocá-los no texto que estavam copiando. Entre nós é comum ouvirmos que o nome do bom ladrão era Dimas.

4.3. Conclusão.

Todos os estudiosos dos problemas dos copistas estão bem cientes de que o estudo comparativo de vários textos é de grande ajuda para a eliminação destes erros. Estes erros têm sido denominados de periféricos, porque não abrangem a essência dos ensinamentos divinos.

Talvez alguns pensem da seguinte maneira: esta parte do estudo não deveria ser apresentada porque pode levar pessoas a descrerem da Palavra de Deus e a concluírem que os escribas eram descuidados, caprichosos e tendenciosos.

Verdades e realidades não podem e não devem ser escondidas. Todos devem ter em mente esta verdade fundamental: o que foi apresentado neste capítulo aconteceu com alguns manuscritos e com poucos copistas, o que vem mostrar a fragilidade da natureza humana.

Existem muitas evidências mostrando o trabalho dedicado, cuidadoso, honesto e fidelíssimo da maioria dos copistas, bem como abundante quantidade de manuscritos não alterados, que nos levam a crer firmemente na fidelidade da transmissão das Santas Escrituras.

“Eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro: Se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus lhe acrescentará as pragas que estão escritas neste livro; e se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus lhe tirará a sua parte da árvore da vida, e da cidade santa, que estão descritas neste livro.” (Apocalipse 22.18-19)

O texto acima faz uma referência à palavra de uma aliança divinamente instituída e que não seria mudada (cf. Deuteronômio 4.2; 12.32; Provérbios 30.6). As alianças incluíam freqüentemente maldições contra aqueles que as quebravam. O texto não trata daquilo que foi escrito em si, mas daquilo que foi falado; o autor está tratando da imutabilidade dos princípios e do conteúdo da mensagem.

5. O ESPÍRITO SANTO E A INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

Os métodos de interpretação bíblica não anulam a ação do Espírito Santo no que se refere à “iluminação” – do grego φωτίζω (phōtizō = “dar luz, brilhar”; usado metaforicamente acerca de “esclarecimento” espiritual, cf. Efésios 1.18; Hebreus 6.4; 10.32) –, antes cooperam com o mesmo para o entendimento das verdades sagradas.

Ainda que o Espírito Santo seja o intérprete da Palavra de Deus (1Coríntios 2.9-10), faz-se necessária uma metodologia para a compreensão das passagens (Neemias 8.8; Atos 17.11), sobretudo as de difícil interpretação (2Pedro 3.16,18). Ou seja, há uma parte que cabe ao homem na interpretação bíblica (cf. Tiago 4.8; Provérbios 16.1).

A iluminação do Espírito Santo não visa ser um atalho para se chegar ao conhecimento bíblico, nem um substituto para o estudo sincero da Palavra de Deus. Pelo contrário: é à medida que estudamos as Escrituras que o Espírito Santo vai nos fornecendo o entendimento espiritual.

“Instruir-te-ei, e ensinar-te-ei o caminho que debes seguir; aconselhar-te-ei, tendo-te sob a minha vista. Não sejas como o cavalo, nem como a mula, que não têm

entendimento, cuja boca precisa de cabresto e freio; de outra forma não se sujeitarão.” (Salmo 32.8-9)

No texto bíblico acima Deus fala sobre instruir, ensinar e aconselhar (guiar). Com isso aprendemos que Deus não trabalha apesar da razão, mas com a razão. Teologia envolve raciocínio: ninguém – de olhos fechados - faz sinal para que um ônibus pare; ninguém, quando está com dor de cabeça, enfia a mão em uma caixa de remédios e pega qualquer coisa.

A teologia sistemática, a exegese, a hermenêutica, a história e as demais ciências são ferramentas necessárias para se construir um pensamento teológico. O simples fato de você usar a Bíblia não torna o seu sermão bíblico se ele não for exegético e hermenêutico.

Há uma grande diferença entre o significado simbólico de um objeto e o que queremos que ele simbolize. Exemplo: quando alisamos exegeticamente a ressurreição de Lázaro (João 11), notamos que o que impedia Lázaro de sair do túmulo não era a pedra, e sim a morte. O texto trabalha a batalha entre a morte e autor da vida, tanto que não há nenhuma informação sobre quem tirou a pedra – pelo contrário, a pedra não recebe nenhum tipo de ênfase no relato dessa história.

6. CONCEITO DE EXEGESE

6.1. Etimologia.

* **Exegese.** Do grego ἐξάγειν (exagein = “guiar para fora”). Significa, literalmente, “arrancar para fora do texto” os pensamentos que o escritor tinha quando escreveu um determinado documento.

6.2. Definições.

- Conjunto de procedimentos pelos quais se chega à compreensão de um texto;
- Processo de interpretar um escrito para torná-lo mais compreensível e acessível. Esse processo consiste basicamente em uma tarefa histórica;
- Estudo cuidadoso e sistemático da Escritura para descobrir o significado original que foi pretendido. É a tentativa de escutar a Palavra conforme os destinatários originais devem tê-la ouvido, **descobrimo qual era a intenção original das palavras da Bíblia.**

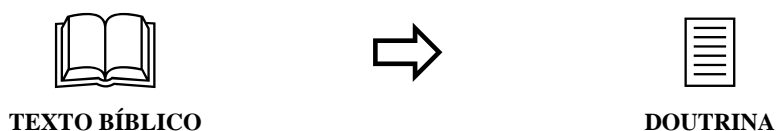
Em resumo, podemos afirmar que, exegese, é a **análise de um texto dentro do seu próprio contexto (conteúdo) histórico ou literário**, sendo que:

- a) **Contexto histórico** – Difere de livro para livro e tem a ver com várias coisas: **a época e a cultura do autor e dos seus leitores**, ou seja: os **fatores geográficos e políticos** que são relevantes ao âmbito do autor; e a ocasião do livro, carta, salmo, mensagem profética, ou outro gênero. Todos os assuntos deste tipo são especialmente importantes para a compreensão.

- b) **Contexto literário** – Significa que **as palavras somente fazem sentido dentro de frases** (chamadas de parágrafos ou perícopes), e, na sua maior parte, as frases na Bíblia somente têm significado em relação às frases anteriores e posteriores.

A exegese é utilizada para que se possa formar corretamente uma doutrina a partir de um texto bíblico.

É algo que ocorre de dentro para fora (O→). É quando uma crença ou doutrina “brota” do texto:



Os que fazem uso da exegese utilizam óculos “vermelhos”, para poderem “ver melhor”, e entender o que realmente o texto bíblico significa. De outra forma, os textos bíblicos podem ser forçados a significar qualquer coisa para quem estiver lendo.

Um texto não pode significar o que nunca significou. Ou, colocando a coisa de modo positivo, o significado verdadeiro do texto bíblico para nós é o que Deus originalmente pretendeu que significasse quando foi falado ou escrito pela primeira vez.

Os textos não podem ser todos lidos com os mesmos óculos, pois são distintos em sua natureza. A variedade de gêneros literários empregados na Bíblia é enorme, e precisa ser levada em conta na análise de cada texto em particular. Não se pode ler, da mesma maneira, um texto legal, uma narrativa, uma mensagem profética, uma oração. Cada uma dessas formas literárias tem características próprias, que devem ser distinguidas e consideradas. De mais a mais, estamos lidando, na Bíblia, com textos religiosos, que se servem muito da linguagem poética, analógica, figurada, simbólica (ou como quer que queiramos chamá-la), que é a linguagem por excelência para se falar do inefável – das coisas de Deus e do encontro com Ele.

7. PRINCÍPIOS BÁSICOS DA EXEGESE

- 1) Sob a inspiração divina a Bíblia ensina apenas uma teologia. Não pode haver diferença doutrinária entre um livro e outro da Bíblia.
- 2) Deixe a Bíblia interpretar a própria Bíblia. O sentido mais claro e mais fácil de uma passagem explica outra com sentido mais difícil e mais obscuro.
- 3) Jamais esquecer a regra áurea da interpretação, chamada por Orígenes de Analogia da Fé. O texto deve ser interpretado através do conjunto das Escrituras e nunca através de textos isolados.
- 4) A exegese consiste em compreender o texto em sua forma e essência: compreendê-lo como literatura (por meio da análise literária), e como produto histórico cultural (por meio da análise

sociológica). Para tanto, é necessário **escolher um trecho do texto que tenha sentido completo** (um parágrafo, cuja palavra técnica é “**perícope**”).

- 5) Sempre ter em vista o contexto. Ler o que está antes e o que vem depois para concluir aquilo que o autor tinha em mente.
- 6) Primeiro procura-se o sentido literal, a menos que as evidências demonstrem que este é figurado.
- 7) Ler o texto em todas as traduções possíveis - antigas e modernas. Muitas vezes uma destas traduções nos traz luz sobre o que o autor queria dizer.
- 8) Apenas um sentido deve ser procurado em cada texto.
- 9) O trabalho de interpretação é científico, por isso deve ser feito com isenção de ânimo e desprendido de qualquer preconceito (o que poderíamos chamar de “achismos”).
- 10) Feita a exegese, se o resultado obtido contrariar os princípios fundamentais da Bíblia, ele deve ser colocado de lado e o trabalho exegético recommençado novamente.

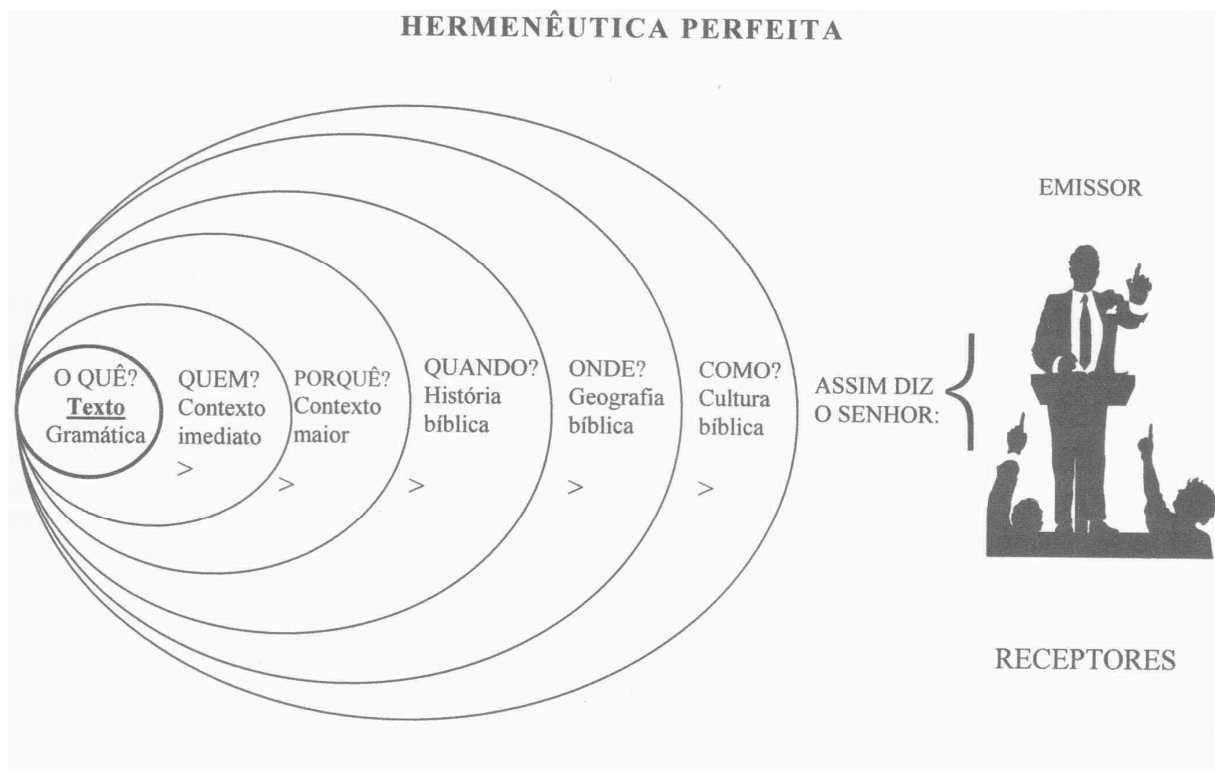
8. COMO OBSERVAR CORRETAMENTE UM TEXTO BÍBLICO

Para se fazer uma boa exegese é preciso **observar, interpretar e aplicar**. Deus revelou Sua Palavra progressivamente. Por isso é necessário um exercício mental. Há algumas perguntas que nos ajudam a fazer uma boa observação de um texto bíblico. As principais são:

Quem?	Quem são as pessoas no trecho? O que foi dito sobre as pessoas? O que a pessoa diz?
Onde?	Onde estão as pessoas na história? Eles estão vindo de onde? Elas estão indo para aonde? Onde está o autor? Onde estão os leitores?
Quando?	Quando o evento aconteceu? Quando eles aconteceram em relação a outros eventos? Quando foi escrito?
Por quê?	Por que está incluído? Por que está neste lugar? Por que está depois ou antes do outro? Por que a pessoa falou assim ou não falou nada?
O que?	O que está acontecendo? Em qual ordem? O autor está tentando comunicar o que? O que está errado?
E daí?	E daí? Que diferença faria, se eu aplicasse esta verdade em minha vida?

Quando perguntamos **quem**, descobrimos o nome do autor e das pessoas que aparecem no texto. Quando perguntamos **quando**, podemos descobrir a hora aproximada que aconteceu algum fato, ou o mês, ou o ano, ou a época em relação a um fato mais importante. Através dessa pergunta, nós descobrimos como eram os costumes e a cultura da época em que o texto foi escrito. Quando perguntamos **onde**, descobrimos o lugar onde se passa o que está narrado. Quando perguntamos **por**

que, descobrimos o motivo, a causa do que aconteceu e obtemos a explicação de como os fatos ocorreram.



Para podermos interpretar um texto bíblico, é necessário responder a todas essas indagações básicas, pois são elas que nos darão suporte para a compreensão do texto como um todo. Além dessas perguntas essenciais, se faz necessário responder mais algumas perguntas, como as citadas abaixo:

- a) O que a passagem diz?
- b) Existe alguma palavra ou frase nesta passagem que precise ser examinada?
- c) Qual é o fundo histórico e cultural?
- d) Qual a conclusão que eu posso tirar desta passagem?
- e) As minhas conclusões concordam ou discordam de áreas relacionadas nas Escrituras ou com outras pessoas que já estudaram esta passagem?
- f) O que eu posso aprender e aplicar à minha vida?

9. COMO FAZER EXEGESE DE FORMA EFICAZ

Para que não aconteça de haver equívoco em nossas interpretações bíblicas, devemos aprender a nos colocar na situação histórica de cada escritor em cada livro, conhecer a situação social concreta da sociedade em que ele viveu, procurar entender o que aquilo significou no seu tempo e só então tentar

aplicar a sua mensagem às nossas circunstâncias atuais. E para isso, se faz necessário obedecer cinco regras fundamentais:

- 1) **Interpretar o texto bíblico lexicamente.** É conhecer a etimologia das palavras, o desenvolvimento histórico de seu significado e o seu uso no documento sob consideração. Esta informação pode ser conseguida com a ajuda de bons dicionários. No uso dos dicionários, deve notar-se cuidadosamente o significado da palavra em análise nos diferentes períodos da língua grega e nos diferentes autores do período.
- 2) **Interpretar o texto bíblico sintaticamente.** O intérprete deve conhecer os princípios gramaticais da língua na qual a passagem foi escrita, para primeiro, ser interpretado como foi escrito. A função das gramáticas não é determinar as leis da língua, mas expô-las. Para quem deseja aprofundar-se é preciso estudar a sintaxe da gramática grega, dando principal relevo aos casos gregos e ao sistema verbal a fim de poder entender a estruturação da língua grega. Isto também vale para o hebraico do Antigo Testamento.
- 3) **Interpretar o texto bíblico contextualmente.** Deve ser mantida em mente a inclinação do pensamento de todo o documento. Então pode notar-se a “cor do pensamento”, que cerca a passagem que está sendo estudada. A divisão em versículos e capítulos facilita a procura e a leitura, mas não deve ser utilizada como guia para delimitação do pensamento do autor. Muito mal tem sido feita esta forma de divisão a uma honesta interpretação da Bíblia, pois dá a impressão de que cada versículo é uma entidade de pensamento separado dos versículos anteriores e posteriores.
- 4) **Interpretar o texto bíblico historicamente.** O intérprete deve descobrir as circunstâncias para um determinado escrito vir à existência. É necessário conhecer as maneiras, costumes e psicologia do povo no meio do qual o escrito é produzido. A psicologia de uma pessoa também incluirá suas idéias de cronologia, seus métodos de registrar a história, seus usos de figura de linguagem e os tipos de literatura que usa para expressar seus pensamentos.
- 5) **Interpretar o texto bíblico de acordo com a analogia da Escritura.** A Bíblia é sua própria intérprete, diz o princípio hermenêutico. A Bíblia deve ser usada como recurso para entender ela mesma. Uma interpretação bizarra que entra em choque com o ensino total da Bíblia está praticamente certa de estar no erro. Um conhecimento tratado com muito cuidado do ponto de vista bíblico é a melhor ajuda.

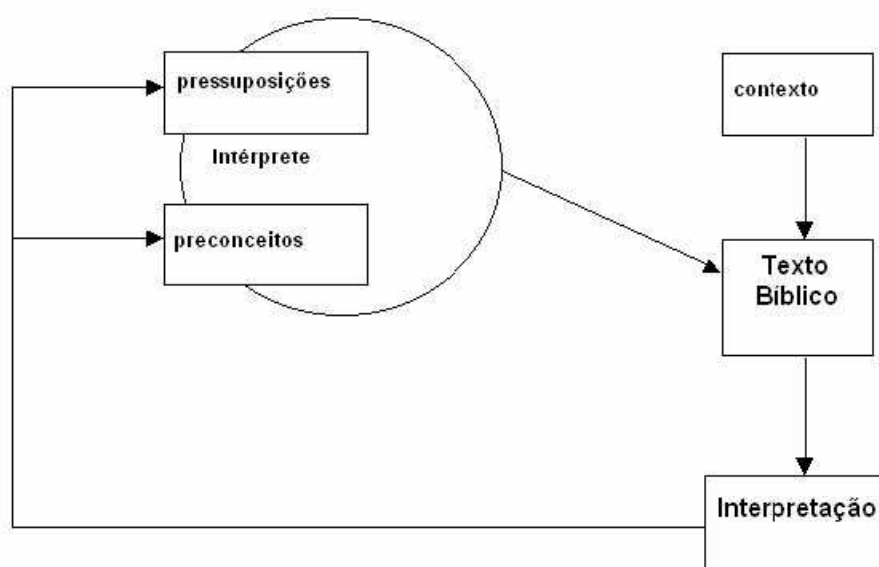
10. O PROCEDIMENTO EXEGÉTICO

10.1. O procedimento errado. Ler o que muitos comentários dizem como sendo o significado da passagem e então aceitar a interpretação que mais agrada. Este procedimento é errado pelas seguintes razões:

- a) Encoraja o intérprete a procurar interpretação que favorece a sua pré-concepção; e
- b) Forma o hábito de simplesmente tentar lembrar-se das interpretações oferecidas. Isto para o iniciante, freqüentemente resulta em confusão e em ressentimento mental a respeito de toda a tarefa da exegese. Isto não é exegese, é outra forma mecânica de decorar e é muito desinteressante. O péssimo resultado do “procedimento errado” na exegese é que o próprio intérprete não pensa por si mesmo.

O processo de leitura e interpretação de um texto é cíclico, isto é, se realiza ou se repete numa certa ordem. Todo leitor se aproxima de uma passagem da escritura com pressuposições, e comumente, com preconceitos acerca de uma passagem ou doutrina da Escritura (exemplo: a doutrina da predestinação).

O quadro a seguir exemplifica o processo:



O método de abordagem utilizada em nosso curso é o chamado **Método Histórico-Gramatical**. Este método submete o texto bíblico à análise racional quanto ao seu conteúdo, e literária quanto à sua composição. Essa abordagem parte do pressuposto de que a Bíblia é documento inspirado por Deus e testemunha Suas ações entre os homens, conduzindo-os a salvação. Partindo desses princípios, estaremos diante do procedimento correto para se fazer uma boa exegese.

10.2. O procedimento correto. O intérprete deve perguntar primeiro o que o autor diz e depois o que significa a declaração. Ele também deve consultar os dicionários para encontrar o significado das palavras desconhecidas ou que não são familiares. É preciso tomar muito cuidado para não escolher o significado que convém ao intérprete apenas. Depois de usar bons dicionários, uma ou mais gramáticas devem ser consultadas para entender a construção gramatical. No verbo, a voz, o modo e o tempo devem ser observados por causa da contribuição à idéia total. O mesmo cuidado deve ser tomado com as outras classes gramaticais.

Com os passos anteriores bem dados, o intérprete tem condições de extrair a teologia do texto, bem como sua aplicação às necessidades pessoais dele, em primeiro lugar, e às dos ouvintes.

Fazer uso de comentários bíblicos é importante, mas eles não são um fim em si mesmo. O intérprete deve manter em mente o clima teológico em que foram produzidos, porque isso afeta de maneira direta a interpretação das Escrituras. Um comentarista pode ser capaz, em certa medida, de evitar “vias” (tendências) e permitir que o documento fale por si mesmo, mas sua ênfase nos vários pensamentos da passagem será afetada pela corrente de pensamento de seus dias. Os comentários, principalmente os livros de devoção ou meditação espiritual, têm a marca de ficar desatualizados. Prefira os comentários críticos e exegéticos.

11. CONCEITO DE EISEGESE

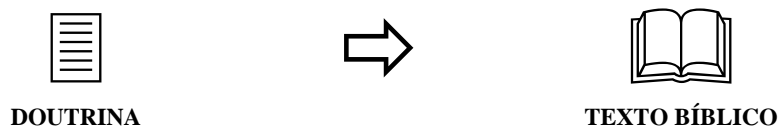
11.1. Etimologia.

* **Eisegese.** Do grego εἰσεγγεσθαι (*eisegeesthai* = explicar para dentro). Significa, literalmente, introduzir (inferência) em um texto alguma coisa que alguém deseja que esteja ali, mas que na verdade não faz parte do mesmo.

11.2. Definições.

- Forma de encontrar na Bíblia uma prova de alguma crença que já possuíamos anteriormente;
- Significa distorcer um texto para adaptá-lo às próprias idéias do intérprete.
- Prática que viola um princípio de interpretação colocado primeiramente por Agostinho e ratificado por Calvino: “*a primeira tarefa de um intérprete é deixar que o autor diga o que ele de fato diz em vez de atribuir-lhe o que pensa que ele deva dizer*”.

A eisegese é utilizada quando se já existe uma doutrina em nossa mente, e procuramos apenas, algum texto bíblico que sirva de sustentação para essa doutrina pré-estabelecida, ou seja, **é algo que ocorre de fora para dentro (→○)**:



Os que fazem uso da eisegese utilizam óculos “**verdes**”, para poderem “**ver de perto, ver de longe, ver de qualquer jeito**”, sem o interesse de realmente descobrir qual é o verdadeiro significado do texto bíblico que está sendo estudado. Em outras palavras, quem usa de eisegese, força o texto (mediante várias manipulações), fazendo com que uma passagem diga o que na verdade não se acha ali. O leitor

dá o seu próprio significado para o texto, em vez de buscar o sentido que o autor quis expressar no que escreveu.

A eisegese é a matriz de todas as heresias. Ela gera o misticismo, e este acaba por dar à luz aos erros doutrinários. Levemos em conta, também, que a eisegese é própria da especulação que, por sua vez, é a principal característica da filosofia. Nas seitas onde a eisegese é praticada, a revelação sempre procede do líder do grupo, Deus sempre fala por meio dele, todas as idéias e doutrinas que esse líder tem são tidas como inspiração de Deus, e nunca são submetidas a uma análise da liderança da comunidade. E quando a revelação chega ao conhecimento da igreja, já vem como uma determinação que todos devem aceitar, tornando assim toda a congregação submissa a um só homem.

11.3. Um exemplo de eisegese.

Certa vez um pregador em uma denominação, explicou ao povo o versículo 10 do capítulo 3 do livro de Malaquias da seguinte forma:

“Abram a Bíblia no livro de Malaquias, no capítulo 3, versículo 10, leiam junto comigo: *‘Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fizeti prova de mim nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal até que não haja lugar suficiente para a recolherdes.’.*”

“Pessoal, raciocine junto comigo, Deus diz que se você der o dízimo, ou seja, 10% de toda a sua renda, Ele abrirá as janelas do céu e derramará bênçãos sem medidas sobre a sua vida. Isso quer dizer então que, se você der 20%, Ele derramará também duas vezes mais essas bênçãos, e tem mais, se você duvida disso, o próprio Deus manda você colocá-Lo à prova, ou Ele é Deus ou não é. Então você hoje ao invés de ser “dizimista” vai ser “vintemista” e vai colocar Deus na parede, amém?”

O pregador acima ignorou completamente as regras da hermenêutica e da exegese bíblica, havendo na explanação feita por ele, várias falhas exegeticas, por exemplo: quando o pregador afirma através de um argumento astuto que Deus irá abençoar duas vezes mais, está se esquecendo do que disse o apóstolo Paulo em sua primeira carta à Igreja em Corinto: *“Ora, irmãos, estas coisas eu as apliquei figuradamente a mim e a Apolo, por amor de vós; para que em nós aprendais a não ir além do que está escrito, de modo que nenhum de vós se ensoberbeça a favor de um contra outro.”* (1Coríntios 4.6).

Assim podemos ver que, infelizmente, dessa mesma forma muitos líderes vem impondo suas próprias idéias como inspiração divina e semeando heresias no meio dos irmãos trazendo confusão para a congregação.

12. CONCEITO DE HERMENÊUTICA

12.1. Etimologia.

* **Hermenêutica.** Do grego ἑρμηνευτικός (hermeneutikós = “interpretação”; “arte de interpretar”). O vocábulo grego ἑρμηνευτής (hermeneutes) significa “intérprete”. Essa palavra deriva-se do nome de Hermes, que era tido como sendo o mensageiro divino e intérprete dos deuses.

12.2. Definições.

- Ciência das leis e princípios de interpretação e explanação;
- Estudo dos processos que levam à correta compreensão das Sagradas Escrituras;
- Ciência e a arte que estuda a interpretação da Bíblia. Ciência porque estabelece regras positivas e invariáveis; arte porque suas regras são práticas.
- Métodos e técnicas empregados para interpretar as Escrituras e da maneira correta de aplicá-los. Seu objetivo é apresentar regras gerais e específicas de interpretação, que possibilitem o entendimento do verdadeiro sentido transmitido pelos autores sagrados.

Em resumo, se a exegese tem como objetivo de interpretar os textos bíblicos no passado, a hermenêutica tem como objetivo interpretar os textos bíblicos para o presente.

13. DUAS CORRENTES DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA DO SÉCULO XV

13.1. Os ultraquistas: somente aquilo que a Bíblia proibia expressamente devia ser proibido na vida da comunidade cristã. (é o “*Está escrito*”).

13.2. Os taboristas: ensinavam que tudo aquilo que não estava expressamente autorizado pela Bíblia devia ser rejeitado. (é o “*Assim diz o Senhor*”).

14. MODOS DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

O caráter sagrado da Bíblia para o judaísmo, no que se refere ao Antigo Testamento, e para o cristianismo baseia-se na convicção de que contém a revelação divina. Essa aceitação da Bíblia como palavra de Deus, no entanto, não propiciou um princípio hermenêutico uniforme. Para alguns, a interpretação da Bíblia deve ser sempre empreendida literalmente, uma vez que a palavra de Deus é explícita e completa. Outros afirmam que as palavras bíblicas encerram um significado profundamente espiritual, já que a mensagem de Deus não pode ser captada por uma leitura superficial. Uma terceira posição, enfim, sustenta que certas partes da Bíblia devem ser compreendidas literalmente e outras de maneira simbólica. Por isso, a história da interpretação bíblica apresenta quatro tipos principais de hermenêutica: literal, moral, alegórica e anagógica (ou puramente espiritual).

14.1. Interpretação literal.

A interpretação literal associa-se com a convicção segundo a qual não só a mensagem divina, como também cada uma das palavras que constituem a Bíblia são de plena inspiração divina. Como crítica à

forma extrema desse tipo de hermenêutica, pode-se dizer que ignora as evidentes diversidades de estilos e vocabulário dos diversos autores bíblicos. Santo Tomás de Aquino, Martinho Lutero e Calvino foram partidários da hermenêutica literal. Para Calvino, os princípios de interpretação incluíam o sentido literal (princípio gramático-histórico), o princípio Cristocêntrico, em que ambos, o Velho e o Novo Testamento, apontavam para Cristo, a rejeição do método alegórico e o testemunho interno do Espírito Santo.

14.2. Interpretação moral.

A interpretação moral busca estabelecer os princípios exegéticos mediante os quais se podem extrair as lições éticas da Bíblia. Associa-se, com frequência, à alegórica. Assim, por exemplo, a Carta de Barnabé, escrita aproximadamente no ano 100 da era cristã, considerava que a proibição bíblica de comer a carne de certos animais referia-se principalmente aos vícios simbolicamente representados por eles.

14.3. Interpretação alegórica.

A interpretação alegórica busca na narração bíblica um segundo nível de referência, além das pessoas, coisas e acontecimentos explicitamente narrados no texto. O grande impulsor desse tipo de interpretação foi o teólogo cristão Orígenes (século III), que elaborou um sistema teológico e filosófico a partir das palavras da Bíblia.

14.4. Interpretação anagógica.

Esse adjetivo vem do grego αναγωγή (anagogo = “levar para cima”). A palavra anagógica refere-se a uma espécie de interpretação alegórica, que procura descobrir verdades espirituais ocultas, no texto literal das Escrituras. A interpretação anagógica ou mística, essencialmente espiritual, pretende explicar os acontecimentos bíblicos como signos prefiguradores dos últimos fins da criação. Exemplo característico seria a cabala judia, que procurava descobrir o significado místico das letras e palavras hebraicas.

15. PRINCIPAIS LEIS DA HERMENÊUTICA

15.1. Lei do contexto. A parte que vem antes ou depois do texto. Diz-se que não se deve interpretar um texto sem o auxílio do contexto, para não se fazer um pretexto (cf. Lucas 19.28-44; Atos 8.30-31; Isaías 53.7).

15.2. Lei do texto paralelo. Um texto deve ser auxiliado na sua interpretação utilizando o mesmo assunto que ocorre em outras partes das Escrituras Sagradas (cf. João 19.18; Marcos 15.27; Mateus 27.38; Lucas 23.39-43).

15.3. Lei da autoria do texto. Os diferentes autores da Bíblia viveram em tempos, culturas, situações sociais e regiões diferentes. Portanto, a forma de apresentação de um determinado texto para um povo que vivia situações diferentes, deve ser comparado com outros em tempo ou forma remota (cf. Efésios 5.22-27; 1Pedro 2.5-10; Cânticos dos Cânticos 8.5-10).

15.4. Lei da interpretação do texto. A interpretação do texto é aquilo que a passagem quer dizer no tempo, no espaço e nas circunstâncias que foram escritas. O literalismo busca o que o texto quer dizer (João 21.6); o simbolismo busca o que a figura quer dizer (cf. Apocalipse 3.20).

15.5. Lei da aplicação do texto. Um mesmo texto pode ser aplicado a pessoas ou clãs vivendo épocas ou situações geográficas diferentes (cf. Mateus 13.24-30).

16. OS SETE PECADOS MORTAIS DA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA E COMO EVITÁ-LOS

16.1. Usar o texto fora do seu contexto.

Era hábito de um pastor dar a seguinte bênção no final dos cultos: “*Vigie o Senhor entre mim e ti, quando estivermos separados um do outro.*” Isso passava a idéia de que ele estava pedindo a Deus que nos protegesse até o próximo domingo, e tenho certeza de que era esta a sua intenção. Mas se estudarmos esse texto, descobriremos que ele tirou este versículo totalmente fora do seu contexto.

As palavras não são tão amigáveis como podem parecer. Encontra-se em Gênesis 31.49, depois de Jacó e Labão terem tido uma calorosa discussão ao fazerem uma aliança. Labão não confiava inteiramente em Jacó e sabia que eles não iam continuar juntos. Por isso, ele pede ao Senhor que fique de olho no seu genro para que ele não maltrate as suas duas filhas.

Lido no seu contexto, o versículo é uma espécie de ameaça piedosa – dificilmente uma bênção. Para evitar o texto por pretexto – tirar um versículo do seu contexto – precisamos entender que para um bom estudo bíblico é preciso mais do que simplesmente olhar para uma seqüência de versículos isolados.

Jamais pensaríamos em ler um livro de história, um romance, como lemos a Bíblia – uma frase de um capítulo, outra de outro e assim por diante. Não faria sentido e perderíamos toda a trama da história! A Bíblia foi escrita como unidades literárias completas, como livros, cartas e poemas, para serem lidas do princípio ao fim.

16.2. Ser muito literal.

Para evitarmos um tipo de literalismo rígido, precisamos entender que os autores bíblicos se comunicavam de maneiras muito variadas – por meio de metáforas, símbolos e através de uma variedade de gêneros literários, como cartas, provérbios e poemas.

Precisamos identificar o tipo de linguagem e literatura que o autor está usando para podermos interpretar corretamente o seu significado. Se assumirmos, por exemplo, que um autor está falando literalmente quando está falando metaforicamente, vamos acabar num absurdo.

16.3. Ignorar o ambiente bíblico.

A maioria dos leitores da Bíblia está familiarizada com as famosas palavras de Cristo à igreja de Laodicéia:

“Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente; quem dera foras frio ou quente! Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca.” (Ap. 3.15-16)

Como muitos cristãos ignoram o ambiente histórico e cultural desta passagem, eles entendem erradamente as palavras de Cristo. Normalmente assumimos que “quente” significa espiritualmente vivo, ao passo que “frio” significa espiritualmente morto. Em outras palavras, Jesus preferiria que fôssemos a favor ou contra Ele, em vez de neutros. Mas, esta interpretação de “quente” e “frio” ignora totalmente o ambiente histórico e cultural do texto e, portanto, leva ao erro.

A cidade de Colossos, que ficava a menos de quinze quilômetros de Laodicéia, era conhecida pelas suas águas frias e refrescantes. A cidade de Hierápolis ao norte era famosa por suas benéficas fontes de água quente. Laodicéia tinha um aqueduto de nove quilômetros de extensão que trazia para a cidade tanto a água fria como a quente e, no momento em que as águas chegavam à cidade elas estavam mornas. Assim, você pode ver como este conhecimento muda radicalmente a maneira como interpretamos esta passagem. Jesus nunca iria querer que ninguém fosse espiritualmente morto ou contra Ele, e certamente não iria preferir esta condição a um cristianismo morno – mesmo que Ele deteste este último.

Nesta passagem, tanto frio como quente são excelentes e benéficos, como um copo refrescante de água gelada ou um bom banho quente. Portanto, seja você “quente” ou “frio” Jesus ficará extremamente satisfeito. Só não seja morno!

16.4. Confiar em traduções falhas.

Apesar de algumas traduções da Bíblia serem claramente melhores que outras, nenhuma é perfeita. Portanto, é de grande ajuda ler um texto em várias traduções, prestando atenção às diferenças em termos de palavras, gramática e estrutura da frase. Desta forma, você consegue obter uma melhor compreensão do que o escritor estava realmente querendo dizer.

16.5. Interpretação pessoal.

Como podemos ter certeza de que entendemos o que o escritor queria dizer? Adquirimos essa confiança praticando os princípios descritos abaixo, com os quais descobriremos a intenção do escritor:

- a) Leia as afirmações do escritor em todo o seu contexto em vez de somente os textos isolados.
- b) Seja sensível ao tipo de linguagem e literatura que o escritor está utilizando.
- c) Procure conhecer o fundo histórico e cultural do que o escritor está falando.
- d) Certifique-se de que a interpretação está sendo baseada sobre o que o escritor realmente disse em vez de sobre o que ele parece ter dito numa tradução pobre.

Cada um destes princípios constitui um meio de evitar que a Bíblia diga o que queremos que ela diga em vez do que o escritor – em última análise o próprio Deus – quer nos comunicar.

16.6. Pensar que você pode fazer tudo.

Nos dias de hoje existem mais ferramentas para estudos bíblicos disponíveis do que em qualquer outro tempo da história – ferramentas que podem tornar o seu estudo bíblico pessoal muito mais compensador e agradável.

Seria bom se pudéssemos contar com pelo menos o seguinte material: uma boa Bíblia de estudos e mais duas ou três traduções modernas, um comentário bíblico e um dicionário bíblico. Estudar a Bíblia requer pensamento e reflexão, usando todas as ferramentas e recursos que Deus nos deu para entender a Sua Palavra.

16.7. Deixar de aplicar o que você aprendeu.

Deus não escreveu a Bíblia para encher os nossos cérebros, mas para transformar as nossas vidas. Quando fazemos do estudo bíblico um exercício meramente acadêmico, abortamos o propósito de mudança de vida que deveríamos experimentar na família, nos relacionamentos, na profissão, no ministério e no envolvimento na sociedade. Quando ficamos sentados semana após semana, ouvindo os sermões, lendo livros cristãos e participando de seminários, estamos nos enganando a nós mesmos se pensarmos que estamos crescendo em Cristo apenas sendo expostos às escrituras.

Você pode, com muita aplicação, evitar os seis primeiros “pecados mortais” do estudo bíblico e ainda conhecer a Palavra de Deus somente na cabeça e não no coração. O ensino da Bíblia precisa ser filtrado para a sua vida para que haja um crescimento verdadeiro. Pergunte a si mesmo “*Estou meramente enchendo a minha mente, ou estou realmente aplicando o que estou aprendendo?*” A resposta honesta a esta pergunta pode ter um enorme impacto tanto no seu estudo da Bíblia como na sua caminhada com o Senhor.

17. TEXTOS PARA APLICAÇÃO DA MATÉRIA E ABORDAGEM EM SALA DE AULA

* Jeremias 17.5	** Lucas 6.37 / João 7.24	** Salmo 68.4
-----------------	---------------------------	---------------

** Mateus 7.6	** Juízes 11.29-39	** Eclesiastes 12.12
** Êxodo 20.1-3	** Deuteronômio 22.5	** Marcos 10.46
** Eclesiastes 7.1-3	** Deuteronômio 5.12-15	** Isaías 14.12 / Apocalipse 22.16
** 2Coríntios 13.12, cf. Romanos 16.16; 1Coríntios 16.16; 1Timóteo 5.26; 1Pedro 5.14		

BIBLIOGRAFIA

- CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Trad. João Marques Bentes. 7. ed. São Paulo: Hagnos, 2004. 1037 p.
- COENEN, Lothar & BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 1531-1532 p.
- GEISLER, Norman L.. *A inerrância da Bíblia: uma sólida defesa da infalibilidade das Escrituras*. São Paulo: Vida, 2003. 554 p.
- GEISLER, Norman L. & HOWE, Thomas. *Manual popular de dúvidas, enigmas e “contradições” da Bíblia*. Trad. Milton Azevedo Andrade. São Paulo: Mundo Cristão, 1999. 578 p.
- GLOBO NEWS. Diferença. *Onde estudar?*, Notícias. 02 de dezembro de 2003. Disponível em <http://www.ondeestudar.com.br/v2/noticias/visualizar.php?noticia_cd=158>. Acesso em 05/01/2008.
- HENDRICKS, Howard G. & HENDRICKS, William D.. *Vivendo na Palavra*. 3. ed. São Paulo: Batista Regular, 2007.
- HENRICHSEN, Walter A.. *Métodos de estudo bíblico*. Trad. Odair Olivetti. 7. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1997.
- KEENER, Craig S.. *Comentário bíblico Atos do Novo Testamento*. Trad. José Gabriel Said. Belo Horizonte: Atos, 2004. 863 p.
- LAHAYE, Tim. *Como estudar a Bíblia sozinho*. 5. ed. Belo Horizonte: Betânia, 1984.
- VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 1115 p.
- ZIBORDI, Ciro Sanches. *Erros que os pregadores devem evitar*. 7. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. 156 p.